

O LUGAR ESCOLA: UMA ANÁLISE DA JUVENTUDE NA SOCIEDADE ESTRUTURADA SOB A TRÍADE DO DESEMPENHO, DO CONSUMO E DO ESPETÁCULO

THE SCHOOL PLACE: AN ANALYSIS OF YOUTH IN SOCIETY STRUCTURED UNDER THE TRIAD OF PERFORMANCE, CONSUMPTION AND SPECTACLE

Maria Solange Melo de Sousa

Doutoranda pela Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: sollangemello@uol.com.br

Marília Luíza Peluso

Orientadora. Professora doutora colaboradora do curso de Geografia da Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: peluso177@gmail.com

RESUMO

O artigo pretende discutir o que os jovens da escola pública esperam da escola na sociedade no século XXI, a qual se baseia na tríade do desempenho, do consumo e do espetáculo. O texto parte do entendimento de que a educação está em crise e que o seu modelo precisa ser repensado, em uma dimensão de análise geográfica da sociedade pós-moderna, globalizada e em um contexto técnico-científico-informacional. O objetivo é entender se a escola atende as expectativas de uma juventude que sente as pressões de um mercado de trabalho competitivo e que exige cada vez mais desempenho de seus trabalhadores, o consumo é sinônimo de felicidade e a informação se confunde com o conhecimento. A construção metodológica foi desenvolvida a partir de leituras bibliográficas e análise documental. Para a fundamentação teórica a pesquisa reportou-se aos autores *Arendt* (2016); *Bergman e Luckman* (2004); *Han* (2015) e *Santos* (1994, 2013, 2014). O resultado apresentado mostra que a escola precisa se adequar e promover mudanças significativas para que seja atrativa para a juventude da pós-modernidade.

Palavras-chave: Consumo. Desempenho. Escola. Espetáculo. Juventude.

ABSTRACT

The article aims to discuss what public school youth expect from school in society in the 21st century, which is based on the triad of performance, consumption and spectacle. The text starts from the understanding that education is in crisis and that its model needs to be rethought, in a dimension of geographical analysis of postmodern, globalized society and in a technical-scientific-informational context. The goal is to understand if the school meets the expectations of a youth who feels the pressures of a competitive labor market and that demands more and more performance of its workers, consumption is synonymous of happiness and information is confused with knowledge. The methodological construction was developed from bibliographic readings and documentary analysis. For the theoretical basis, the research was reported to the authors Arendt (2016); Bergman and Luckman (2004); Han (2015) and Santos (1994, 2013, 2014). The result presented shows that the school needs to adapt and promote significant changes so that it is attractive to the youth of postmodernity.

Keywords: Consumption. Performance. School. Spectacle. Youth.

INTRODUÇÃO

O Brasil encontra-se em uma totalidade global em que se valoriza o desempenho profissional, para o qual a escola desempenha um papel imprescindível. Com isso, instiga-se o sujeito à competição entre os pares na busca por oportunidades tanto no ensino superior quanto no mercado de trabalho. Mas, no país, a disputa não é igualitária e os jovens estudantes da escola pública se encontram em desvantagem, uma vez que as instituições de ensino enfrentam problemas econômicos e sociais que afetam a qualidade do aprendizado.

Ribeiro (2010, p. 104) escreve favoravelmente a uma “educação para o desenvolvimento econômico e social”, e no discurso político os governantes brasileiros compartilham com a ideia do autor. Entretanto, em um país que pretende formar uma juventude que seja o alicerce para o desenvolvimento por meio da educação, parece contraditório que os investimentos e as políticas públicas não alcancem as instituições de ensino de forma igualitária.

As escolas localizadas nas periferias brasileiras não recebem o mesmo tratamento que as escolas localizadas em regiões mais centralizadas. As escolas periféricas convivem com a falta de estrutura física e de material didático e é comum o número insuficiente de profissionais para atender as demandas pedagógicas, enquanto parte significativa de estudantes convive com a violência em seus ambientes.

As considerações apresentadas nos parágrafos anteriores instigam a discussão relacionada aos problemas que envolvem a educação dos jovens no país a partir do lugar “escola pública”. Para tanto, faz-se necessário compreender o contexto do espaço global e local no qual a escola está inserida e qual a representação social dela para a juventude que a frequenta.

Parte-se do pressuposto de que os estudantes do ensino médio estão situados em um recorte espaço-temporal caracterizado pela globalização e por uma sociedade pós-moderna que busca as conquistas pessoais por meio de oportunidades profissionais, a qualidade de vida é representada pelo acesso às diversas formas de consumo e a educação formal compete com o poder das redes de comunicação e informação. Dessa maneira, esse recorte espaço - temporal e seus desdobramentos no ensino devem ser abalizados como importantes temas para reflexão, levando em consideração ainda, como segundo pressuposto, que parte dos estudantes considera os novos meios de comunicação e informação (internet, redes sociais) como referencial na construção do conhecimento. Diante do exposto, o objetivo do artigo é analisar se o que a escola oferece aos seus estudantes do ensino médio é coerente com o modelo conjuntural da sociedade pós-moderna.

As argumentações apresentadas no trabalho mostram a caracterização do sujeito investigado em diálogo com os autores que contribuíram para o aporte teórico do artigo. A metodologia utilizada foi construída a partir de uma abordagem de cunho social, cuja intenção é entender que o espaço escolar e o local de convivência de jovens dão ao lugar um significado, mesmo com as problemáticas que caracterizam a

escola pública, pois apesar de suas adversidades, ela também representa perspectivas de um futuro promissor para os estudantes que a frequentam. A fonte primária de informação utilizadas no artigo foi a pesquisa bibliográfica, também denominada fonte secundária, que fundamenta as discussões e as análises apresentadas.

Na primeira parte do artigo é feita a caracterização do sujeito objeto da pesquisa, em seguida o artigo pretendeu verificar se a escola é coerente com as pretensões do jovem em relação a uma educação que lhes permita a futura inserção no mercado de trabalho. Na terceira parte da análise, há uma construção teórica a respeito da sociedade do desempenho e da produtividade, em que também se busca reconstruir a concepção da tríade trabalho, desempenho e consumo e mostra a força das mídias sociais na sociedade do século XXI, na qual a juventude analisada está inserida. Por fim, nas considerações finais, discute-se se o objetivo proposto pelo artigo foi alcançado.

QUEM SÃO OS JOVENS – UMA CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO

Segundo o Estatuto da Juventude (ECA), Lei nº 12.852 (BRASIL, 2013), jovens são pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos. O recorte do presente artigo limitou este espaço etário, uma vez que o sujeito envolvido no estudo frequenta a escola pública e está matriculado no ensino médio. Portanto, os jovens são adolescentes na faixa etária entre quinze e dezoito anos, cujas garantias legais estão estabelecidas no ECA. A faixa etária aqui descrita para análise pode ser ampliada para mais ou para menos, de acordo com a realidade vivenciada nas escolas públicas do ensino médio. Além do conceito jurídico de jovem, o conceito de juventude pode ser apresentado em outras perspectivas. Para Dayrell, Carrano e Maia (2018, p. 225), “O conceito de juventude corresponde a uma construção social, histórica, cultural e relacional que, por meio das diferentes épocas e processos sociais, foi adquirindo denotações e delimitações diferentes”.

Quando se pretende trabalhar com a juventude escolar, é importante entender que esse grupo constrói um tipo de representação social de si próprio com formas diferentes de agir e de pensar. Essa fase da vida também se mostra como um período de construção de identidade, de estabelecer relações sociais e de projetar perspectivas profissionais e emocionais. Logo, entender a juventude é “como uma representação dos construtos históricos e sociais relacionados aos aspectos cronológicos, culturais, identitários, sociais e políticos do desenvolvimento da vida” (ANJOS; SILVA; FIGUEIREDO, 2018, p. 225).

As representações sociais – definidas por Minayo (1994, p. 108) como “imagens construídas sobre o real” – nas quais esses jovens estão ancorados podem ser assim sintetizadas: vivem em uma sociedade de modelo capitalista e consumista; em uma escala de contexto de tecnologia da informação e da comunicação e é predominantemente urbana. Segundo Araújo (2008, p. 100):

As representações sociais [...] são fruto de um processo sempre atuante, desencadeado pelas ações coletivas dos indivíduos, mas implicam em um reflexo nas relações estabelecidas dentro e fora do grupo, no encontro com outros grupos sociais.

Apesar do encontro dos jovens ser numa escola pública em áreas periféricas, o cotidiano deles se apresenta de formas distintas, pois convivem alunos de diversas classes sociais. O jovem aqui definido como de classe média tem o shopping center como local de encontro de suas relações sociais mais frequentes, a perspectiva futura de acesso à universidade e consideram a escola como possibilidade de manutenção do *status quo* ou a oportunidade de maior ascensão social. O jovem aqui definido como da periferia, apesar de ter a possibilidade de acesso ao shopping center, tem como referência na sua rotina social a cultura de massa por meio de eventos sociais na própria comunidade e, provavelmente, consideram a escola como uma necessidade para o acesso ao mercado de trabalho formal, ou mesmo informal, mas ela também é o ambiente de convivência cultural e social. A

partir da caracterização do sujeito, o tópico seguinte questiona qual o modelo de escola que atende às expectativas da juventude atual.

O MODELO ATUAL DE ESCOLA ATENDE A JUVENTUDE DO SÉCULO XXI?

O mundo passa por mudanças profundas nas questões sociais, profissionais e os avanços tecnológicos alteram a vida dos sujeitos e a escola precisa se adequar a essas mudanças, pois ela não pode preparar a juventude para uma realidade inexistente, em que o próprio trabalho e suas características formais estão em crise. O mundo vive uma nova era que a Geografia, nas palavras de Milton Santos, denomina de técnico-científica-informacional e nesses novos tempos “o trabalho se torna cada vez mais científico [...]” (SANTOS, 1994, p. 140). Argumenta ainda o geógrafo, (SANTOS, 1994, p, 12), mostrando como Geografia e ensino se complementam, que “Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos”.

Diante desse novo cenário, as políticas públicas precisam ser eficientes para promover reformas na educação que sejam coerentes com a sociedade vigente e que:

[...] podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro. Por isso, longe da ambição, que, aliás, escapa à nossa competência de fornecer um formulário de técnicas de ensino ou um programa pedagógico acabado, preferimos empreender uma tentativa de reconhecimento dos aspectos principais de nossa época, alinhando fatos e problemas que a caracterizam e que, por isso mesmo, devem fazer parte de um plano de estudos que levem em conta a modernidade, sua realidade concreta e sua existência sistêmica [...] (SANTOS, 1994, p. 121).

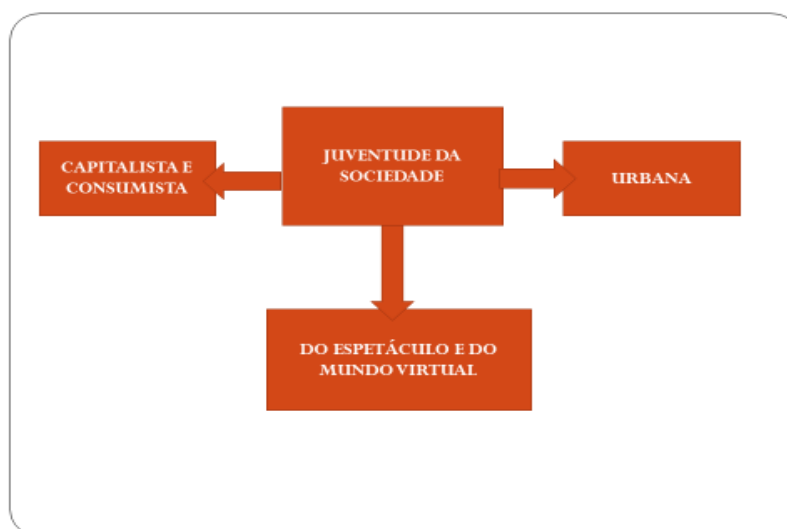
A ideia de Santos (1994) traz à reflexão do quanto é necessário repensar o modelo de educação que foi adotado no Brasil ao longo dos tempos, compreendendo que a crise estrutural tem dimensão muito maior do que aquela que se apresenta no interior da escola e que projetos idealizados para dar respostas rápidas à sociedade não se sustentam. Os procedimentos

escolares devem ser, de acordo com Santos (1994, p. 122) “[...] tão dinâmicos quanto a realidade em movimento e reconheça o comportamento sistêmico das variáveis novas que dão uma significação à totalidade”.

As redes sociais mostram para a juventude o glamour da exposição, dando aos estudantes uma dimensão de mundo que eles podem vislumbrar e conquistar, nem sempre por meio da educação, mesmo que isso não seja uma realidade objetiva e institucionalizada (BERGER; LUCKEMANN, 2004). Portanto, os meios de comunicação transformam o sujeito em ator, mas também em certa medida, em fantoche, visto que é fortemente influenciado pela realidade que se constrói nas redes sociais e que é divulgada na mídia alienante, “na qual se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e internacionais de comunicação” (CANCLINI, 1989, p 264).

Portanto, o ensino ofertado nas escolas públicas pouco contempla a realidade sociocultural da juventude na atualidade. A Figura 1 mostra o jovem da sociedade atual que tem comportamentos e pretensões que foram sendo modificados ao longo das últimas décadas.

Figura 1 - Quem são esses jovens?



Fonte: Sousa, abril/2019.

O item a seguir pretende esboçar o modelo de sociedade na qual a

juventude terá de se integrar na fase de vida posterior à escolar.

O LUGAR “ESCOLA” NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO, DO CONSUMO E DO ESPETÁCULO

Quando se discute o contexto do ensino público, é importante compreender que se há crise na educação brasileira, ela irá refletir na sociedade e na economia do país. Afinal, é de senso comum o argumento de que por meio da educação um país se desenvolve. Com isso, a crise da educação é um problema social, econômico, político e cultural e deve ser investigado na dimensão da Geografia, enquanto ciência humana e social. Segundo Santos (2014, p. 22):

Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social.

Assim, a apropriação da Geografia será a partir da discussão para além dos conceitos geográficos e alcança a dimensão da problemática social (SANTOS, 2014), partindo da análise de que a categoria Formação Econômica e Social (FES) expressa a unidade e a totalidade nas esferas econômica, social, política e cultural (SANTOS, 2014). Assim, é preciso discutir se existe algo fora dessa totalidade, se o ensino está na totalidade, se a educação pode ser pensada fora dessa categoria e onde se encontram as novas lógicas da produtividade e do desempenho para entender onde fica o ensino.

A partir da categoria FES é importante a compreensão da lógica mundial que é caracterizada por uma nova realidade. Nela, o espaço geográfico se define como o meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994). Com isso, na modernidade na qual se vive, o ensino também precisa se adequar às mudanças do mundo globalizado em que, “[...] as possibilidades de um trabalho interdisciplinar tornam-se maiores e mais eficazes [...]”

(SANTOS, 2013, p. 116).

É importante destacar que a sociedade do meio técnico-científico-informacional é também predominantemente urbana, onde se destaca a ideologia de mercado e consumo em que:

Valores de uso são mais frequentemente transformados em valores de troca, ampliando a econominização da vida social, mudando a escala de valores culturais, favorecendo o processo de alienação de lugares e de homens (SANTOS, 2013, p. 121).

A observação subjetiva da sociedade urbanizada e sustentada na ideologia de mercado e consumo, faz com que a análise da educação no Brasil utilize-se de um olhar crítico e dê ênfase às suas fragilidades, considerando suas dificuldades em formar estudantes dentro de tais concepções. Os políticos, os especialistas que tratam da educação e os professores expõem os seus argumentos e tentam propor soluções para as fragilidades.

Então, quais as características da sociedade no período técnico-científico-informacional? Han, Arendt e Debord podem proporcionar algumas respostas.

Na obra *Sociedade do Cansaço* (2015), Byun-Chul Han analisa a sociedade do século XXI como a sociedade do desempenho, da produção e caracterizada pela positividade, que produz um sujeito mais rápido e mais produtivo. É nessa sociedade que o indivíduo tem de conviver com a pressão do desempenho e que temos, paradoxalmente, uma escola que não consegue formar profissionais preparados para essa nova realidade.

Han (2015) analisa a sociedade do século XXI como caracterizada pela positividade. Por meio de uma metáfora biológica, o autor (HAN, 2015) pondera que no tipo descrito como da positividade, a sociedade produz pessoas depressivas e fracassadas quando os projetos de iniciativa e de motivação não são concretizados. Na sociedade do desempenho (positividade), o indivíduo compromete-se em ser ele mesmo, resultando daí

uma depressão do esgotamento ou a depressão do fracasso.

As pressões sobre os estudantes fazem com que haja consequências. A hiperatividade e a ansiedade se transformam em indisciplina, dificuldades nas relações interpessoais e se refletem no desempenho escolar.

É importante ponderar o que significa a sociedade da positividade e fazer uma comparação com a formação do estudante da escola pública que, em breve, fará parte dessa realidade. As preocupações do jovem que está concluindo o ensino médio se encontram, por exemplo, na escolha entre um ensino técnico ou o ensino superior ou entre frequentar uma universidade pública ou uma universidade privada.

Para muitos estudantes da periferia, a opção de um ensino superior parece inviável, provavelmente, por considerarem que a formação escolar deles e seu nível de renda, que traz a necessidade de um ganho monetário imediato, não os capacita para o acesso a essas instituições. Assim, muitos jovens deixam de lado a escola e vão direto para o mercado de trabalho. Para os estudantes de classe média, quando a opção é o ensino superior, vem a dúvida em relação a carreira que pretendem seguir e em qual instituição, pública ou privada. As preocupações apresentadas acima causam ansiedade e angústia para uma juventude que está em período de transição da adolescência para a fase adulta.

Outras perguntas e respostas são proporcionadas por Hanna Arendt. Em sua obra *A Condição Humana*, apresenta-se o seguinte questionamento, “O que estamos fazendo?” (ARENDR, 2016, p. 26). A resposta da filósofa é de que o sujeito inserido em um contexto social e econômico a partir da tríade trabalho – obra – ação, transforma-o em um ser que trabalha, produz e consome e que este é o único significado de estar vivo. O reflexo dessa tríade é a constituição de uma sociedade de consumidores. A autora caracteriza a sociedade moderna, em que a economia se sobrepõe como “formas modernas de alienação do mundo” que

[...] as transformações pelas quais passaram na modernidade atividades humanas básicas, como o trabalho, a fabricação e ação; a prevalência de uma forma de vida progressivamente assimilada ao mero estar vivo; a constituição de uma sociedade de consumidores; a diluição entre o público e o privado com o surgimento da sociedade; (ocasionalmente) o sufocamento da política com sua gradativa subjugação e assimilação à economia (ARENDETT, 2016, p. 408).

Mesmo tendo sido escrita na década de 1950, a sociedade descrita na obra *Condição Humana* tem uma temática atual e possibilita compreender o estudante inserido no modelo de sociedade de consumidores descrito por Arendt. Portanto, é preciso analisar o comportamento do jovem em uma sociedade que tenta ajustá-lo segundo as suas regras, ou seja, que valoriza a tríade trabalho – obra – ação ou o desempenho e a produtividade.

É na concepção de Arendt que se percebe o comportamento dos jovens da escola pública. Para muitos estudantes, o acesso ao ensino médio é também o momento da inserção no mercado de trabalho, de modo geral, por meio de estágios. Em uma sociedade de consumo, a possibilidade de ter um salário ao final do mês é uma tentação e a sensação, ou a necessidade, de ter um emprego, em alguns casos, contribui para o abandono escolar.

Ampliando a escala de análise para além do consumo e do desempenho, faz-se necessário considerar também a nova forma de construir o conhecimento para que se dê significado à educação. Na educação formal *versus* rede social, em função do poder das novas tecnologias, a juventude confunde informação com conhecimento.

Diante do exposto, os professores precisam conscientizar o jovem quanto a importância do senso crítico ao analisar as formas de construir conhecimento, diferenciando-o de informações não fundamentadas, perceber como a sociedade do consumo, da globalização e de suas tecnologias se apresentam num ambiente de domínio das redes sociais, da submissão alienante ao império das mídias e da tirania das imagens (DEBORD, 2013), que tão bem representa a juventude atual. Logo, a internet é uma fonte inesgotável de informações, e o professor está ameaçado de tornar-se

obsoleto em uma provável realidade não tão distante.

O livro *A sociedade do espetáculo* (DEBORD, 2013) explora um modelo de sociedade em que os profissionais do espetáculo utilizam o seu poder para invadir todos os domínios da vida moderna, quer seja na arte, na economia, ou na política, falsificando a vida comum. Partindo dessa ideia, na sociedade do espetáculo a realização humana se desloca do ser para o ter (DEBORD, 2013). Nesse sentido, os jovens pretendem ter bens disponíveis e mostrados na mídia, mas sentem-se frustrados quando a sua condição é de periferia ou, quando da classe média, ainda não alcançou o que a sociedade do espetáculo propõe como o que se deve ter.

A sociedade do espetáculo criou no cenário político atual uma certa ideia simbólica de doutrinação ideológica. Há riscos de que, embutido nessa concepção, haja a intencionalidade de fazer com que o conhecimento construído na escola seja refutável e o professor seja conduzido a reproduzir em suas aulas as ideias que dão sustentáculo à sociedade de consumo, sem a criticidade de analisá-las ou contestá-las.

Além de construir o pensamento do jovem na sociedade do espetáculo por meio das mídias e das redes sociais, não havendo separação entre informação e conhecimento, outro ponto importante para ser questionado na sociedade do espetáculo refere-se à abordagem crítica dos meios de comunicação para os problemas enfrentados pelas escolas. É preciso que se dê maior ênfase aos projetos exitosos realizados nas instituições públicas em detrimento da exploração de temas que denigrem a imagem dessas escolas.

Paralelo à importância do desempenho, do consumo e do espetáculo, outra dimensão social a ser analisada é a realidade da vida cotidiana dos estudantes, como esses jovens interpretam a realidade social na qual estão inseridos, ao mesmo tempo que são influenciados por ela. A discussão vai no âmbito das perspectivas em relação ao futuro, ao que os jovens vivem cotidianamente e aos seus objetivos de vida.

Segundo Berger e Luckmann (2004), a realidade da vida cotidiana é

entendida como fenômeno que existe e independe da vontade do sujeito.

Para os autores:

Comparados à realidade da vida cotidiana, as outras realidades aparecem como campos infinitos de significação, enclaves dentro da realidade dominante marcada por significados e modos de experiência delimitados (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 42).

Berger e Luckmann (2004), possibilitam a análise e o entendimento quanto aos aspectos da sociedade como realidade objetiva e como realidade subjetiva. É importante entender a relação entre o sujeito e o mundo social, e como a sua percepção influencia na construção do seu conhecimento por meio de valores, formando assim a sua ideologia individual.

O sujeito, na sociedade a que pertence, apresenta características sociais e culturais e constrói a sua identidade. No entanto, deve-se considerar também que ele pertence a vários grupos sociais, que pode ser o da família, dos amigos, da Igreja ou da escola, para citar alguns. Da integração entre o sujeito e os grupos sociais, com todas as suas diversidades, resultará a formação da ideologia coletiva, sem desconsiderar o contexto social – que pode ser a periferia ou lugares de vivência da classe média – nos quais esses jovens estão inseridos.

É nesse espaço social, caracterizado por diversas formas de pensar e de agir dos diferentes grupos sociais, é que se pretende formar os jovens. Diante disso, a proposta é uma análise da Geografia a partir de sua concepção enquanto ciência humana e social, tendo como preocupação discutir sua importância nas relações sociais desenvolvidas no espaço social.

As relações humanas, o espaço social e a economia não são elementos isolados, pois assim como os diversos grupos, eles estão interligados e se completam. Para Santos (2014, p. 21-22):

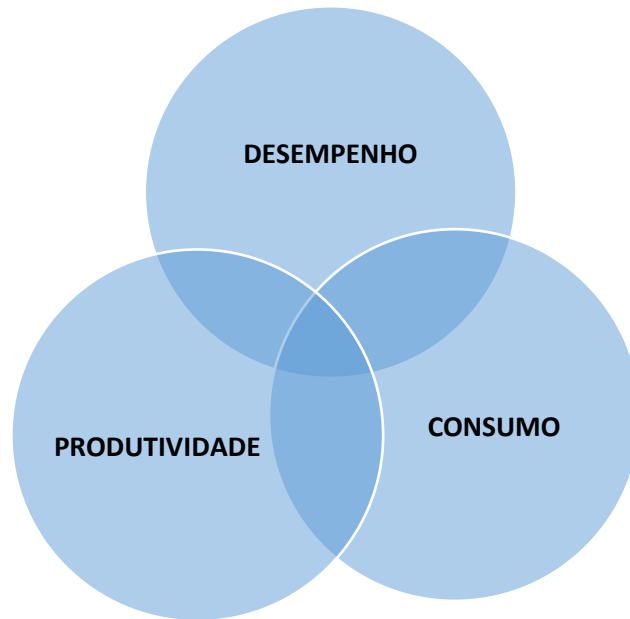
Pode-se dizer que a Geografia se interessou mais pela forma das coisas do que pela sua formação. Seu domínio não era o das dinâmicas sociais que criam e transformam as formas, mas o das coisas já cristalizadas, imagem invertida que impede de aprender a realidade se não se faz intervir a História.

O autor faz uma crítica à disciplina de Geografia que considerava o espaço como teatro das ações humanas (SANTOS, 2014), sendo que ela é mais do que isso. Portanto, o espaço geográfico de vivência do estudante deve ser incorporado nas aulas, tendo em vista que a Geografia trabalha com conteúdos ligados à urbanização, à economia de mercado e à globalização que formam uma unidade e totalidade na FES. É preciso que esses conteúdos sejam trazidos para a realidade do estudante, possibilitando assim uma compreensão de mundo para esse jovem que está em processo de formação e precisa que a escola tenha um significado para ele.

A representação social dessa juventude corrobora com as ideias de Arendt (2016), que trata da sociedade de consumidores e de Santos (2013) com a definição de espaço como meio técnico-científico-informacional. Acrescente-se ainda o modelo capitalista, que é aquele que exige de seus jovens o desempenho e a produtividade, além de estimular o consumo de forma exacerbada e é dentro dessa estrutura que os estudantes idealizam a escola que frequentam. No entanto, a realidade objetiva (BERGER; LUCKEMANN, 2004) faz com que eles convivam com uma escola com as deficiências de uma metodologia pedagógica nem sempre atrativa, o que pode dificultar assim a identificação deles com esse modelo de escola.

Além disso, apesar de viverem em uma sociedade (Figura 2) que é capitalista e que prioriza o consumo, parte significativa desses jovens não podem ser considerados consumidores devido as condições socioeconômicas em que se encontram, pois muitos dos estudantes da escola pública moram na periferia, a renda familiar é baixa e quando exercem alguma atividade remunerada o salário destina-se ao complemento das despesas mensais da família.

Figura 2 - Sociedade na modernidade



Fonte: Sousa (2019).

Segundo Santos (2013) vivenciamos uma nova realidade em que a revolução da informação liga os mais distintos lugares entre si. Portanto, mesmo um estudante que tenha o seu cotidiano inserido em uma periferia caracterizada pela precariedade de infraestrutura e com pouco acesso à bens materiais, ele, possivelmente, tem conhecimento de realidades bem diferentes das dele, pois, os meios de comunicação o leva a lugares distintos do seu cotidiano. O jovem de classe média, aquele que tem, ou poderia ter, acesso aos bens materiais disponibilizados nas medias, pode sentir que a escola não lhe proporciona o conhecimento necessário para adquiri-los. Nos dois casos, o ter se sobrepõe ao ser.

Diante dos temas discutidos, precisa-se questionar se a escola atual é coerente com os jovens do corrente século.

CONCLUSÃO

A escolarização é um tema controverso e gera polêmicas, mas as polêmicas são o caminho mais provável para uma modificação profunda em

uma sociedade que exige produtividade e vende o consumo com símbolo de felicidade. Quanto à escola, é o lugar marcado por contradições e perspectivas de uma juventude protagonista que idealiza a instituição como o local que irá prepará-la para o mercado de trabalho ou dar-lhe oportunidade de acesso à universidade, pública ou privada.

Embora a escola seja considerada um lugar de esperanças, a revolução da era digital ainda não faz parte da sua realidade, mesmo a juventude convivendo com as transformações promovidas pelas novas tecnologias em seu cotidiano. As tecnologias da informação e comunicação são mais atraentes para a geração de jovens do terceiro milênio do que o modelo tradicional de escola

O modelo de educação implantado nas escolas deve ser ajustado à conjuntura atual que é caracterizada por uma sociedade subordinada ao meio técnico-científico-informacional e que exige mudanças de paradigmas. As reflexões apresentadas no texto mostram que na lógica pós-moderna, a educação brasileira ainda apresenta características, de certa forma, tão tradicionais quanto há 50 anos. É preciso implantar políticas públicas que apresentem alternativas viáveis e que se adequem à realidade vigente. Esse atraso compromete o desenvolvimento do país e prejudica toda uma geração. Infelizmente o que se pode concluir é que, estruturada como está, a escola pública vende ilusões e isso é uma violência com a juventude.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Nilza M. S. dos; SILVA, Robson, S. C.; FIGUEIREDO, Kátia J. A. **O que pensam os estudantes do ensino médio sobre o ensino médio**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2018.

ARAÚJO, M.C. A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica. **Revista Hospitalidade**, Paraná, ano 5, n. 2, 2008.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Editora Forense LTDA, 2016

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 06 ago. 2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>. Acesso em 30 abr. 2019.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 30 abr. 2019.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. Las estratégias para entrar y salir já de la modernidade. Argentina/México: Editorial Grijalbo, 1989.

DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (org.) **Juventude e ensino médio: sujeito e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARECHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico científico informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SOUSA, Maria Solange Melo de; PELUSO, Marília Luiza. **A escola e seus jovens: lugar de controvérsias e perspectivas. Uma análise do CED 04, Taguatinga – Distrito Federal**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.